



O EDUCADOR SOCIAL P.E JOAQUIM ALVES BRÁS E A OBRA DE SANTA ZITA

Ernesto Candeias Martins (IPCB)

Pretendemos historiograficamente analisar a – Obra de Santa Zita, fundada por Joaquim Brás, compreendendo em que medida esta instituição contribuiu pedagogicamente para a promoção das mulheres que acolheram. Aquela obra constituiu a solução para os problemas de ordem pessoal, profissional e social das criadas de servir ou empregadas domésticas. A construção dessa nova identidade e a conquista da sua autonomia estava personificada na categoria de mulheres dos baixos estratos sociais. No início do séc. XX todas as famílias da média e alta burguesia tinham pelo menos uma "criada de servir", uma "criada para todo o serviço". Eram muitas vezes jovens, vendidas pela própria família para engrossar os rendimentos, por vezes mesmo para escapar à fome/miséria. "Colocava-se" a filha numa casa de "boa família", esperando que a alimentassem, a vestissem, a educassem. Muitas vezes a prestação de serviços domésticos não era sequer remunerada, e quando era, jovem nunca recebia a retribuição, pois era entregue directamente às famílias. Quando os serviços das raparigas não eram do inteiro agrado dos patrões, ou quando a patroa suspeitava da natureza dos serviços prestados ao marido, estas eram postas na rua no próprio dia, sem poderem defender-se, sem recursos e direitos de nenhuma espécie. Dormiam ao relento, voltavam envergonhadas e sem préstimo para as famílias de origem ou caíam na prostituição ou casas de passe onde encontravam abrigo. O P.e Joaquim Alves Brás, apercebe-se na Guarda, a partir de 1930, deste flagelo e resolve empenhar-se em lhes arranjar uma alternativa a essas mulheres. Começa por acoitá-las durante a noite, para que não durmam ao relento, e compreende e todo o drama que as envolve. Propõe como única saída possível: a formação pessoal e profissional dessas jovens. Assim, funda várias instituições (Obra de Providência e Formação das Criadas, hoje Obra de Santa Zita; Instituto Secular das Cooperadoras da Família; e Movimento por um Lar Cristão, depois da sua morte, Fundação Monsenhor Alves Brás e Escola Profissional ASAS -Agentes de Serviço e Apoio Social) com objectivo de revalorizar e promover a mulher. A metodologia de pesquisa será histórico - documental e bibliográfico-narrativa (materiais iconográficos, entrevistas e histórias orais às cooperadoras e associadas da Obra na Guarda, Covilhã, Lisboa, Coimbra e Castelo Branco), análise de conteúdo ao Alvará/Estatutos da Obra, à imprensa, ao espólio e Processo Beatificação P.e Brás, arquivo Obra, etc.



O EDUCADOR SOCIAL P.e JOAQUIM ALVES BRÁS E A OBRA DE SANTA ZITA”

Ernesto Candeias Martins (Instituto Politécnico de Castelo Branco – Portugal)

1 Questões Introdutórias

A investigação que aqui apresentamos, enquadrada nas metodologias qualitativas, é um estudo de caso à Obra de Santa Zita (anteriormente designada por OPFC – Obra de Providência e Formação das Criadas, fundada em 1932), ao Instituto Secular das Cooperadoras da Família (fundada em 1933) e ao pensamento e acções do seu fundador Padre Joaquim Alves Brás (1899-1966). É uma investigação em curso, ainda não finalizada. O fundador da Obra de Santa Zita é um homem formado no ambiente de família rural cristã, de classe média do interior da Beira Baixa. Impregnado por esse ambiente educativo familiar, nos valores da família. Sofre um problema de saúde que o converte em ‘coxo’ para toda a vida. Este defeito de coxalgia, ora activa ora ‘amuada’, trouxe-lhe alguns dissabores na admissão ao Seminário, na ânsia de ser padre e num ambiente de extinção dos Seminários Maiores. Estuda inicialmente no Seminário menor do Fundão (1915), em regime de ‘república’ e, posteriormente no Seminário de Teologia da Guarda (1922). É ordenado presbítero em 1925, tendo sido pároco (Donas), confessor dos alunos seminaristas (Fundão) e director espiritual do Seminário Maior da Guarda. De facto, P.e Alves Brás teve a ‘*arte de ser padre*’ (Trindade, 1991: 49).

A sua obra nasce das suas visitas às enfermarias do hospital da Guarda, contactando os doentes internados (diálogo espiritual), conhecendo os seus dramas e, especialmente, a Maternidade, onde fez o primeiro diagnóstico e radiografia social e moral das empregadas domésticas (criadas de servir). Ao lado das mães com os seus bebés encontravam-se, em número elevado de pobres raparigas vindas de prostíbulos e casas de prostituição e com maus hábitos. Foi neste cenário de preocupação humana pelas empregadas domésticas e pela sua dignidade pessoal e socioprofissional que se prontificou realizar actividades de pastoral social e posteriormente criando um lugar de acolhimento para elas. Mons. Alves Brás conseguiu, no início da década de 30 e, especialmente, na cidade da



Guarda, ver a miséria de muitas jovens empregadas domésticas e dedicou a sua vida a ajudá-las a libertarem-se de todo o mal, concedendo-lhes situações de felicidade e criando instituições. Assim, nasceu a Obra de Santa Zita.

Após este intróito temático propomos o problema da investigação: Em que medida a Obra de Santa Rita contribuiu para a promoção das mulheres empregadas domésticas indo ao encontro dos seus problemas de ordem pessoal, social e profissional, na base do ideário do seu fundador. Neste sentido procurámos as pedagogias fundamentadoras usadas nessa promoção e dignificação das empregadas domésticas ao longo do séc. XX. Assim, pretendemos avaliar a relevância historiográfica do fundador (pensamento, acções) e da sua Obra (eficácia), de modo a retirar ilações sobre as práticas de formação que geraram uma efectiva igualdade de oportunidades da mulher no acesso ao mercado de trabalho. Ao longo da investigação entroncámos as motivações, os propósitos e os objectivos inseridos na área de estudo de género e da história da educação social. O processo heurístico teve numa primeira fase o levantamento documental e arquivístico, a categorização e análise de conteúdo dos documentos e à imprensa da Obra e, numa segunda fase, o trabalho de campo com entrevistas informais e em profundidade às cooperadoras e responsáveis da Obra e de alguns contemporâneos do P.e Alves Brás e, ainda, histórias de vida de algumas cooperadoras seculares e associadas da Obra.

2 O Estado da Arte: objectivos e fontes documentais

Existem poucos contributos historiográficos à figura do fundador e á sua Obra. Publicaram-se duas monografias (biografias) de Monsenhor Alves Brás (Infante, 1976, Trindade, 1991), um estudo historiográfico sobre as criadas de servir (Coelho, 1958) e pequenos estudos descritivos sobre o fundador da Obra realizados pelo Instituto Secular das Cooperadoras da Família (1998, 2000, 2009). Está por fazer uma investigação sistemática e integradora do valor das valências da Obra, a análise de conteúdo aos documentos arquivísticos, aos periódicos da Obra, à imprensa nos lugares onde a obra tem aberta casa e,



ainda, uma reflexão crítica ao pensamento e acções do fundador como educador social. Analisemos os critérios, os objectivos e as fontes documentais.

a) Critérios e objectivos da investigação

Os critérios metodológicos que nortearam e valorizaram cientificamente a nossa investigação apoiam-se em quatro pontos:

-Originalidade: abordagem da temática a partir da análise do conteúdo e interpretação ao pensamento e às acções de Monsenhor Alves Brás e à sua Obra.

-Relevância Científica: o objecto de estudo insere-se nas investigações de género, ou seja sobre a mulher no contexto de empregada doméstica que era um colectivo muito pouco investigado.

-Pertinência: levantamento e categorização documental e arquivística sobre o fundador e a sua Obra, realçando as evidências determinantes da acção do P.e Alves Brás como educador social.

-Exequibilidade: evitando a lógica da exaustividade, decidimos recolher, descrever, analisar e interpretar as fontes documentais para termos uma ideia de conjunto do pensamento e acções do fundador e do papel da sua Obra na sociedade portuguesa. Foi com coerência que assegurámos uma certa homogeneidade na investigação.

Estabelecidos os critérios orientadores propusemos os seguintes objectivos ou propósitos:

*-Actualização do espólio e da bibliografia existente no Arquivo da Obra de Santa Zita com a respectiva tipificação e categorização dos documentos e manuscritos sobre o fundador, sobre a própria Obra de Santa Zita e o Instituto Secular de Cooperadoras da Família. Realizámos um levantamento documental histórico-educativo, com análise de conteúdo e, simultaneamente, um registo narrativo de histórias de vida (cooperadoras e seculares) e entrevistas às responsáveis.

*- Interpretar, à luz da actualidade, a originalidade do pensamento de Monsenhor Alves Brás e da sua Obra, valorizando o âmbito social e pedagógico no marco da História da Educação Social.



*- Categorizar o P.e Alves Brás como um educador do social, educador prático na promoção da mulher empregada e dos ideais da família cristã. O seu sentido prático, intuitivo e determinante do tipo das suas intervenções leva-nos a designá-lo como ‘educador social’.

*- Inserir as acções e intervenções assistenciais, caritativas e socioeducativas no âmbito da pedagogia social portuguesa. A Obra de Santa Zita realiza um trabalho social e educativo a muitos colectivos necessitados e problemáticos.

*- Contextualizar na época, a pedagogia existente na Obra destinada à formação pessoal, social e profissional das empregadas de servir. Desde o seu início que a Obra intenta dignificar e valorizar a mulher, quer como pessoa, quer na situação de empregada.

Não nos esqueçamos que a análise a um ‘educador’ sensibilizado pelas misérias e problemáticas humanas do seu tempo, em especial pelas empregadas de servir, implica um conhecimento da sua vida e das suas intervenções socioeducativas, dominadas por uma pedagogia de acção cristã, da valorização e dignificação da família e da profissão doméstica. Por isso, há em Monsenhor Alves Brás uma filosofia de vida caracterizadora das suas acções.

b) O Arquivo e as fontes documentais.

O espólio da Obra de Santa Zita e do seu fundador encontra-se na sua sede em Lisboa. Tipificámos e classificámos os seguintes documentos arquivísticos:

*-Agenda pessoal do P.e Alves Brás, escrita nos dias dos meses.

*-Documentos institucionais da Obra: originais dos estatutos da OPFC (1933, 1942) e da Obra de Santa Zita (1984, 1995), regulamentos da OPFC (1937, 1946), regulamento internos (1954, 1969) e das associadas da Obra de Santa Zita (1989), directórios das OPFC (1954), livros de ‘Despesa’ – ‘Deve – Haver’ (1958 – 68), livro de Actas da OPFC (desde a Acta n.º 1 de 12/04/1932 até à n.º 74, de 2/07/1939), livro de registo de ‘Casamentos’ (de 1956-1978), de ‘Comunhões e Baptismos’ com fotografias (de 1953-1972), de ‘Peregrinações’ a Fátima e à Guarda (1951, 1953), de ‘Retiros’ (de 1950 a 1984), livro das Irmãs de Sacerdotes



em Estágio' na Obra, com fotos (1953-1966), livro de registo das 'Empregadas Domésticas' nos diversos cursos (1963-1986), livro de 'Tributo de Gratidão da OPFC ao seu Venerando Fundador' (1940), livro de registo de leitores desde 1970, etc.

*- Manuscritos de homílias, cartilha da OPFC (31pág.s), um regulamento dos 'serviçães' ou 'criados de servir' na região de Lisboa (1922).

*- Fichas – Caixa Dotal e Sufrágio (desde Abril de 1943), fichas provisórias e definitivas das associadas da OPFC com fotografias (desde 1940), mapas mensais de estatística das várias delegações da Obra (desde 1948), boletins de assistentes e dirigentes da OPFC (7 volumes, desde 1962) e de apoio para os encontros de formação espiritual da Obra (1994).

*- Dossiers (total de 33), distribuídos nas categorias de 'depoimentos' (Bispos, padres e fiéis), de 'cartas de pêsames', 'cartas postuladoras', 'correspondência' (duas centenas) e, ainda o 'Processo de Beatificação' (Dossier 32, com as categorias de 'prelados', 'sacerdotes', 'autoridades civis' e 'fiéis'). Todos os documentos apresentam três categorias e as respectivas subcategorias.

*- Correspondência com o fundador da Obra (duas centenas de cartas desde 1966) distribuída nas categorias de 'religiosos' (Bispos, cónegos e párocos), 'cooperantes' e 'laicos'.

*- Álbuns de fotografias e tipificação de objectos/artefactos relativos ao fundador e à Obra.

*- Periódicos: 4 Volumes da *Voz das Criadas* (1934 – 1967); Vol.s do *Bem-Fazer* (1967-), do *Jornal da Família* (1960-), *Folhas sobre a Terra* e os Almanques anuais (desde 1946).

Esta documentação está a ser submetida a 'análise de conteúdo' (fichas de categorização) cruzando dados com outras fontes secundárias (triangulação de fontes) sobre o fundador e da Obra e dos artigos na imprensa local onde existem os centros e/ou as casas (*A Guarda*, *Notícias da Covilhã*, *Correio de Coimbra*, *Lúmen*, *O Mensageiro*, *Amigo da*



Verdade, Notícias de Beja, Jornal da Beira, Voz da Verdade, Diário do Minho, A Voz do Domingo, etc.).

2 Monsenhor J. Alves Brás Protector da Família e das Criadas

Monsenhor Alves Brás foi um místico do seu tempo, com um amor activo aos outros em situação de desviação ou de marginalização socioprofissional. As suas acções irrompem provocadas pela 'oração', pela fé em Cristo Vivo e pelo Evangelho. Assim, com muitos momentos de sofrimento, a sua vida e a oração questionam-se, purificam-se mutuamente, determinando uma 'filosofia de encontro' com as 'criadas de servir' da sua época. É nessas intervenções com essas jovens e mulheres onde expressa a sua espiritualidade e o teor do seu ideário. Tudo isto, é fruto da intuição e do sentido prático (lógica da proximidade) de resolução dos problemas humanos.

O fundador da Obra de Santa Zita expressou ao longo da sua vida em prol das empregadas domésticas uma: pedagogia vivificadora, imbuída por uma espiritualidade activa e caritativa; uma pedagogia personalista (apoio, orientação e intervenção socioeducativa e religiosa junto da mulher); e uma pedagogia situacional (contexto da empregada doméstica em família), canalizada para uma educabilidade (moral, axiológica) apoiada no pilar da família cristã. Trata-se globalmente de uma pedagogia prática na dimensão de desenvolvimento pessoal, social e profissional da mulher.

As instituições da 'Família Blasiana', legado de Monsenhor Alves Brás, cingem-se às seguintes valências: a OPFC - Obra de Previdência e Formação das Criadas (1932), depois designada por Obra de Santa Zita, o Instituto Secular das Cooperadoras da Família - ISCF (1933), o Movimento por um Lar Cristão (1960) e O Movimento de Voluntários do Apostolado da Imprensa (VAI) em 1964. Como uma bola de neve a Obra foi-se expandindo dentro do País e além fronteiras indo ao encontro dos problemas sociais e humanos das pessoas, da família, das mulheres, das comunidades e aos problemas sociais. Para o fundador a família é a principal escola de virtudes sociais e pessoais, das quais todas as sociedades



necessitam. Por isso, na crise de família é necessário disponibilizar meios de preparação e formação dos seus membros, pois para ele: *'Salvar a família é salvar o mundo'*.

Por conseguinte a Obra dá continuidade ao pensamento e às iniciativas do fundador estando destinada aos diversos tipos de necessidades e carências sociais e às situações de risco de crianças e jovens. Empenha-se a divulgação, através dos seus periódicos, dos valores humanos e cristãos trilhando os seguintes caminhos: orientação à formação e promoção da mulher e das que trabalham directa ou indirectamente com a família; valorização e defesa (direitos) das pessoas que se dedicam ao serviço da 'família'; abertura a um apostolado social com intervenções junto dos carenciados (apoio material, social e espiritual); une-se no lema *'Mãos no trabalho coração em Deus'*, como resposta às exigências do Evangelho, promovendo a dimensão social da caridade e a cultura da hospitalidade e solidariedade.

Estes caminhos constroem um percurso assente no campo social (trabalhadoras domésticas que actuam na área da família, às necessidades das famílias, actividades com crianças, jovens e idosos), campo educativo e formativo (cursos de formação doméstica e familiar, formação nas escolas profissionais, pela auto-formação e preparação profissional), e no campo assistencial (problemas sociais, combate a precariedade e pobreza, desemprego e exclusão social). De facto, a Obra sendo uma Instituição Particular de Solidariedade Social tem como finalidades a promoção da formação moral, intelectual e profissional das auxiliares da família (associadas), orienta e dirige serviços de apoio às famílias (crianças, jovens e idosos) e promove iniciativas para resolverem carências familiares e cooperam com outras instituições. O objectivo fundamental é o de preparar a mulher em ordem a realizar a sua missão de esposa, mãe e dona de casa, especialmente preparando a que se destina a tarefas domésticas.

O instrumento de divulgação e comunicação (imprensa escrita) para cada uma daquelas valências é o periódico ou jornal ou opúsculo. Por isso, o P.e Alves Brás funda os seguintes jornais: a *'Voz das Criadas'* (publicação mensal de 1932-1966), que posteriormente veio a chamar-se de *'Bem-Fazer'* (1967--), o *'Jornal da Família'* (mensário desde 1960), *'Movimento do Lar Cristão'* (1960), as *'Flores sobre a Terra'* (publicação trimestral), o

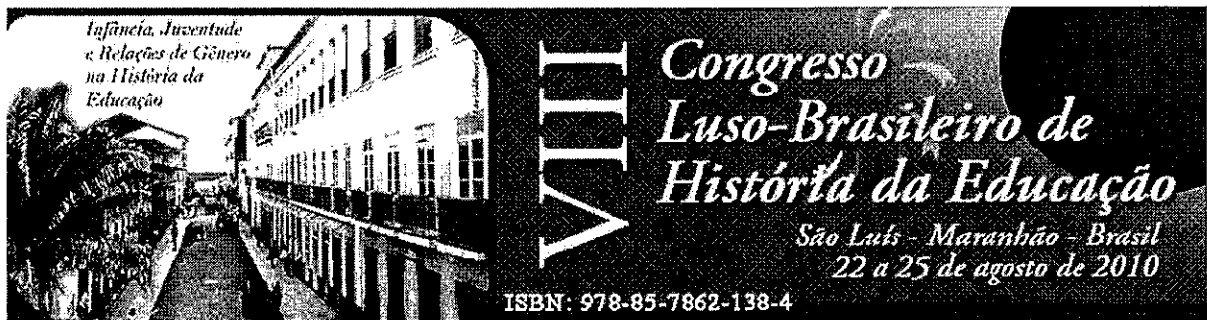


'*Almanaque de Santa Zita*', e, ainda outras publicações não periódicas, por exemplo, a '*Família Forte e Unida*', '*O Problema das Criadas*', o '*Manual da Criada Cristã*', a '*Vida de Santa Zita*' e diversos opúsculos. A comunicação e a interação comunicativa são factores formativos e de encontro entre os associados.

3 O trabalho doméstico e as suas problemáticas

Até 1921 o trabalho doméstico em Portugal era definido em função da natureza do trabalho realizado esquecendo-se da qualidade das relações entre empregada e empregador (entidade patronal) resultante do carácter lucrativo ou não do empreendimento deste (profissão exercida em residência familiar). Houve alguma regulação jurídica no Código de 1867, tendo sido pioneiros nesta matéria, mas só em 1921 se impôs em Lisboa o uso de um livrete, autorizado pelo Governador Civil para o exercício daquela profissão e só a Lei de 1952 irá contemplá-la em termos laborais.

Por outro lado, as novas terminologias de 'trabalho doméstico' ou 'trabalho domiciliário' (discurso sindicalista) repor um pouco a normatividade jurídica desta definição no âmbito da 'ética das profissões' (deontologia profissional) destacando-se dois aspectos: a natureza do trabalho e a qualidade da relação de trabalho. Historicamente desde a década de 30 do século XX (Estado Novo) que a situação de muitas empregadas domésticas era dramática, quer ao nível económico (crises e guerras mundiais), nível educativo (analfabetismo) e nível moral e social (direitos). O ambiente social e familiar era profundamente cristão, enraizado nos valores morais e tradicionais. As famílias ricas ou abastadas e as pobres regiam-se pelo Evangelho e pela caridade social cristã. Mas a situação de miséria e pobreza (absoluta) de muitas famílias rurais portuguesas, empurravam as suas filhas para as cidades para serem serviçais nessas casas abastadas ou à procura de emprego, como forma de sobrevivência familiar (ISCF, 1998). Os senhores e as criadas viviam em família. Os salários eram baixos, porque a criada era considerada 'da família', e por isso tinha cama e mesa, vestuário e calçado e, ainda, em geral, assistência médica e farmacêutica, funeral e sufrágio (Infante, 1976: 394-396). Ou seja, tudo quanto precisasse. Frequentemente,



os patrões, em atenção à criada, protegiam toda a sua família, dando trabalho aos pais e irmãos, arranjando-lhes emprego, de tal sorte que a família da criada vivia debaixo do patrocínio da família empregadora e de acolhimento. *‘As criadas tanto podiam ser agentes de paz como de discórdia’* (‘anjos ou demónios’) dizia Mons. Alves Brás no artigo *‘Criadas Modelares’* no jornal *‘A Voz das Criadas’*.

Nem sempre aquelas relações entre senhores e criadas eram harmoniosas. O ambiente familiar foi-se alterando ao longo do séc. XX, tanto no aspecto religioso, como no social e moral. A mentalidade dos patrões deixou de ser fraterna para se tornar egoísta e autoritária e, simultaneamente, a das criadas perdeu a submissão, para se tornarem mais exigentes e altivas. Essa mudança de mentalidade prejudicou o espírito de família a que a tradição estava acostumada. Muitas dessas criadas saíam das casas, na ânsia de procurarem outra situação melhor ou uma outra casa, mas geralmente caíam na miséria, na desgraça ou imoralidade, na exploração e prostituição (Infante, 1976: 397-398). O problema das empregadas domésticas era grave em muitas cidades portuguesas, pois o despedimento projectava na rua muitas jovens indefesas, que não tendo por onde ir, entravam nas malhas da promiscuidade. Era necessário intervir enfrentando este problema social e eliminando as suas causas. Assim, começam as intervenções sociais P.e Alves Brás.

3.1 Da protecção à orientação formativa e intervenção

P.e Alves Brás foi o apóstolo das criadas de servir, da Família (valores intrínsecos) e, simultaneamente um profeta com uma mensagem de esperança e de amor para aquele colectivo. Foi a partir das suas visitas ao Hospital da Guarda e à sua Maternidade que observou, inquiriu, interveio e promoveu soluções em sintonia com o seu Bispo (D. José Matoso) e com as autoridades civis. A sua preocupação era a de valer a este colectivo aflito e marginalizado. Foi no cenário da Guarda que surge este ‘apóstolo do social’, para promover acções de protecção e formação, através de um apostolado com o lema: *‘Obra das criadas, feitas pelas criadas para as criadas’*. O que importava eram os perigos desses colectivos de



juvencos e mulheres e, por isso, pretendem cuidar da sua instrução e orientação pessoal, social e profissional, a partir da vertente moral, religiosa e formativa.

Com esse objectivo abre uma casa de acolhimento na Guarda com o apoio e a colaboração de M.^a José Lucas ('Zézinha') até que funda a O.P.F.C. - Obra de Previdência e Formação das Criadas, em 1932, tendo como padroeira Santa Zita. Seguidamente, elabora os Estatutos da Obra (1932, actualizados em 1942 e 1984) e publica o jornal '*Voz das Criadas*' (1932) para dar voz às empregadas domésticas e com a missão de promover o bem espiritual e temporal das associadas e, por meio delas, das famílias que serviam. Assim, de semente em semente nasce a Obra, de componente católica, com o objectivo de dar: assistência social, moral e material; formação em módulos e cursos profissional, por exemplo, de agentes de serviço social, corte e costura, puericultura, enfermagem no lar, decoração e arte doméstica; promover actividades, como a música, o folclore, o teatro, a ginástica rítmica e de manutenção, promoção de convívios, de cinema, reuniões culturais, visitas de estudo, retiros espirituais; actividades educativas relacionadas com as creches e jardins-de-infância, colónias de férias, centros de dia, lares da terceira idade, alojamento temporário para associadas desempregadas, serviço de refeições ao domicílio ou nas casas da Obra, celebrações, etc.; e serviços de previdência e assistência na invalidez, na velhice, na atribuição dotes de casamento (Caixa de Solidariedade).

Mais tarde reconhece que era necessárias pessoas preparadas (educadoras) que se dedicassem a tempo inteiro a exercer essa missão de acolhimento e formação pessoal, religiosa e profissional, preparando-as para o desempenho com competências a sua profissão. Assim, surge em 1933 o 'Instituto Secular das Cooperadoras da Família' (Instituto Secular das Servas de Família - 1937 e depois Obra Pia das Cooperadoras da Família - 1955), afim de ajudar as empregadas domésticas a serem cidadãs livres, felizes e bem preparadas para o futuro.

No âmbito das suas finalidades aquele Instituto pretende a conversão do 'coração' para converter a pessoa, baseando-se na metodologia do 'ver', 'julgar' e 'agir', pelo diálogo aberto e pela orientação para a vida. O método utilizado é o da 'Revisão da Vida' (Cardijn e movimentos cristãos) com o intuito da pessoa 'considerar', 'julgar' e 'realizar' todas as coisas



quotidianas (aperfeiçoamento). A metodologia prática do método integra os seguintes aspectos: apresentação do 'caso de vida' (relato); selecção dos casos para análise com envolvimento pessoal; descoberta das causas e consequências seguido da procura de atitudes; análise valorativa do que se fez positivamente; uso do Evangelho e outros textos de doutrina social; compromisso de acção com os outros (relação de empatia); comprometer-se consigo mesmo e com os outros. De facto, o método compromete o sentido da 'renovação interior' e de projecção na vida (acção), pois *'toda a acção deve assentar numa forte formação moral'*.

Este Instituto cria o seu veículo de comunicação e divulgação, através do '*Jornal da Família*' (1960), abrangendo tudo o que diz respeito à família. As cooperadoras que integram este instituto têm uma formação contínua de modo a responderem aos problemas e anseios das famílias em precariedade, marginalizadas ou em exclusão social. A resolução imediata dos problemas que apresentavam as empregadas domésticas pretendia que fossem 'mulheres trabalhadoras, 'donas de casa' e 'futuras mães com uma promoção pessoal, social e profissional, no sentido a dignificação da mulher. Daí o lema da Obra ser '*Mãos no trabalho, coração em Deus*'. A pedagogia da Obra não consiste em condenar, mas em ajudar, orientar e prevenir, com o fim de preparar novas famílias, ajudar as famílias nas suas casas e em acompanhar famílias a tornarem-se 'igrejas domésticas.

Na década de 60 surge o '*Movimento por um Lar Cristão*' (MLC), composto por casais (núcleos de famílias agrupados por dioceses), de grande espiritualidade conjugal e familiar, tendo por objectivo reunir as famílias à volta da 'Sagrada Família', realizando actividades espirituais (retiros), de formação, apostolado social e de convívio.

3.2 Inquirir para encontrar soluções

P.e Alves Brás averigua, inquirindo metodologicamente junto das empregadas domésticas dos problemas sociais e profissionais que as afectavam, de maneira a poder encontrar soluções. Ente 1940 e 1958 as serviçais domésticas aumentaram à razão de duas mil por ano, ou seja, em 1940 havia no país 187.972 empregadas domésticas (em Lisboa com 37 mil), em 1950 passou para 213.224 (Lisboa com 50 mil), em 1958 para a cifra de 235 mil (Lisboa com cerca de 60 mil), em 1960 diminuiu para 183.300, em 1969 para 180.500 e em



1973 havia perto de 110.260 criadas domésticas. Esta descida vertiginosa desde finais da década de 50 deve-se às mudanças na sociedade portuguesa, ao desaparecimento da vida familiar, motivações económicas, integração palatina da mulher no mercado de trabalho (sector de produção e comércio) e, ainda na mentalidade reinante de que as criadas não tinham nível social (Jornal *A República*, de 16 de Novembro de 1973). Havia uma incompreensão das famílias de acolhimento para com este colectivo, assim como atitudes de desprezo, falta de preparação, mau ambiente, etc.

A primeira questão que indagou o fundador da Obra de Santa Zita, na zona da Guarda, era saber quem eram essas empregadas, que trabalhavam em casa de pessoas estranhas das mais diversas condições e situações. Na categoria do ‘meio de origem’ as jovens provinham das aldeias de famílias pobres, numerosas ou órfãs, desenraizadas do sentido familiar cristão, com uma idade entre os 15 e os 17 anos e permaneciam à experiência entre 15 a 30 dias. Não tinham outra possibilidade de emprego e procuravam de porta em porta alguma colocação. Na categoria da ‘imagem da criada’ perante a sociedade, como pessoa e profissional expressavam a ignorância, sem cultura e conhecimentos básicos de serviços domésticos, a maior parte analfabetas ou com poucos estudos, falta de consciência profissional (aptidões), dedicação extrema ao trabalho, falta de uma sólida formação cristã (valores) e, por vezes com problemas de saúde. Sofriam algum desprezo dos patrões, alimentação escassa, maus-tratos, ataques à dignidade pessoal, não tinham quarto para dormir, comiam fora de horas e trajavam uma farda (‘sopeira’), trabalhavam em média entre 14 a 15 horas diárias e recebiam uma remuneração entre os 120 a 200 escudos.

Com um vazio legislativo ou de falta dele (não se cumpria alguns normativos jurídicos do Código Civil da época) convertia estas jovens num problema social, familiar e da Igreja, pois “*pela própria natureza da profissão, as criadas ficavam expostas, mais do que qualquer outra classe a muitos perigos*” (Obra de Santa Zita, 1969: 24). Por isso, P.e Alves Brás converte-se no mentor do associativismo das empregadas domésticas a partir da Obra: “*Organizai-vos, filiai-vos na OPFC, que é o Vosso amparo! A Vossa força!... e a Vossa defesa!... a Vossa garantia!...*” (Obra de Santa Zita, 1969: 39).



Em Junho de 1969 no I Encontro Nacional de Assistentes da Obra de Santa Zita é lançado um inquérito por todo o País (1969-1971) para despertar a sociedade para os problemas das trabalhadoras de serviço doméstico. O inquérito por questionário abrangia uma série de variáveis, tais como: caracterização pessoal e o tipo de ocupação; situação laboral (vertente profissional); situação económica (vertente salarial); situação social (ética profissional); situação cultural (vertente educativa); segurança social (vertente médico - assistencial); os objectivos da Obra de Santa Zita (vertente de acolhimento institucional); de ordem moral e religiosa (vertente ética); e de ordem conjugal (vertente familiar).

A Obra de Santa Zita acolhia, alimentava e dava formação espiritual e educativa às empregadas. Paralelamente os secretariados de colocações promoviam a colocação imediata em casas de confiança e, até, havia permuta de serviços entre os diversos núcleos de cooperantes o que facilitava as deslocações.

4. Pe. Alves Brás um educador do Social

O P.e Alves Brás foi, no seu tempo, um homem atento aos problemas sociais. Detectou com rigor um dos problemas mais graves vividos nas décadas de 30 e 40 do século passado, as condições de marginalização a que estavam sujeitas muitas jovens que provinham das aldeias para as cidades, à procura de promoção humana, começando a trabalhar como empregadas domésticas e terminavam em situações de desviação ou prostituição. O fundador da Obra de Santa Zita tinha 'arte de cuidar', dando prioridade à assistência, á formação, ao emprego como forma de trabalho, às famílias, à segurança (cívica, social) e ao lazer daquelas jovens desamparadas.

Começamos por explicar o significado de 'educador do social', que é o objecto de estudo da 'pedagogia social' (Serrano, 2004: 119-131). As diversas acepções do termo social complicam o sentido do adjetivo 'social' atribuído à educação, com a designação de 'educação social' integrada num espectro de conexões entre sociedade, social e educação. Por isso, estabelecemos à educação social dois sentidos claros: o da intervenção (ajuda assistencial e educativa às pessoas) e como processo de socialização, que é a adaptação à vida



social, às normas de convivência, à participação e à consciência de solidariedade na vida (Serrano, 2004: 122-123). A articulação entre 'pedagogia social' e 'educação social' dá-se nas acções, isto é, na coordenação entre a teorização normativa (pedagogia social) e a aplicação dessa normativa como suporte da intervenção sobre a realidade (educação social) (Gramigna, 2003: 29-41).

Educador social é aquele que educa a partir da convivência na vida quotidiana (realidade social - comunitária), constituindo este o contexto onde desenvolve as suas acções. A sua actividade realiza-se na base de dois eixos: 'âmbito social' e 'intervenção socioeducativa'. Assim, as funções do educador social são: potencializar e facilitar os recursos pessoais na promoção do sujeito; estimular o desenvolvimento pessoal e social e profissional; facilitador de pautas de convivência social; adoptar estratégias de intervenção na procura de soluções aos problemas; possibilitar relações pessoais na base dos valores humanos e familiares; e inserir o sujeito como cidadão activo (Petrus, 1997: 9-30).

Consideramos o P.e Alves Brás como um educador social pelas características das suas funções: a assistencial dirigida às empregadas domésticas e colectivos marginalizados, utilizando metodologia de recolha de informação (inquéritos, observações); e pelo sentido de intervenção (socioeducativa, axiológica, moral, religiosa), de promoção de acções ou actividades para conseguir a promoção e dignificação das empregadas domésticas. Esta preocupação pelo 'social' leva-nos a afirmar que desde cedo (Guarda) expressa acções de educador de meio aberto em contexto urbano, de compensação e recuperação da identidade das empregadas domésticas. É um educador de rua (Colom y col., 1992: 24-25) pois pretende: tomar consciência da problemática das criadas de servir do seu tempo; do contexto social das suas problemáticas pessoais e profissionais; procura encontrar soluções (individuais e de grupo); e dá respostas a cada situação. Na verdade, a operacionalidade de 'educador de rua' assemelha-se ao do trabalhador social, em que o referencial é a rua (contexto de socialização) e as acções socioeducativas vão dirigidas às jovens criadas com problemas de acolhimento, aceitação e empregabilidade nas famílias empregadoras. Assim, as suas actividades apresentam o objectivo de conseguir o sentido da solidariedade, de responsabilidade e de convivência nessas pessoas ou colectivos (Gramigna, 2003: 27-45).



O papel do P.e Alves Brás foi o de socializar a mulher e reciprocamente a sociedade, alertando-a para os problemas da sua integração pessoal e profissionalmente. Aborda as áreas funcionais da: recuperação, da compensação educativa, de orientação (reuniões, cursos), assistencial (Obra de santa Zita), de dinamização (cooperadoras de família) e de difusão ou divulgação (jornais ou imprensa da Obra). Assim, programa acções e cria instituições (valências) ou movimento dinamizador para modificar situações e comportamentos das empregadas domésticas (consciencialização) (Serrano, 2004: 141-144).

A educação para o P.e Alves Brás seria o sinónimo de: esperança para as empregadas domésticas (novas experiências através da Obra), de afectividade, moralidade e religiosidade (estabelecer amizades, relações de vínculo); de crítica na luta de classe social; de interpretação da própria existência; de descodificação (pedagogia de Paulo Freire) das situações em questão; de eticidade (liberdade e aspirações individuais como 'pessoa') (Petrus, 1997: 19-25). Desde a perspectiva da 'pessoa' no contexto da experiência social explica a comunicação (Vigostky) e a construção da personalidade da empregada de servir a partir das suas inter-relações (linguagem, diálogo) e interiorizações. É neste sentido de incutir nas jovens a aquisição de competências sociais (formação, actividades profissionais, valores, configuração da identidade pessoal, aquisição de uma consciência social), que o fundador da Obra de Santa Zita aplica uma 'Didáctica Social' (conjunto de estratégias e intervenções sociocomunitárias) perante os problemas sociais humanos. Ou seja, transmite a essas jovens desprotegidas valores (sociais, morais, religiosos) ajuda-as pessoal ou colectivamente (objectivos socializadores) e estabelece estratégias de intervenção (competências, capacidades, aprendizagem de virtudes), num compromisso com a própria vida delas.

É de facto, um educador social pela funcionalidade (protagonismo) das suas acções adequadas à prática de intervenção (modificações de situações, comportamentos individuais e de grupo). Esta pedagogia da acção é sobre o 'indivíduo – pessoa', sobre a 'família (s)', sobre a estrutura profissional das empregadas domésticas e sobre a sociedade (instituições, direitos). Por isso, as funções do 'educador de rua' apoiam-se no conhecimento das causas e das situações, do conhecimento 'de' e 'integração em' (família, emprego) e na



comunidade (despertar consciências) com níveis de incidência no ‘ambiente’ e na ‘personalidade’ (Colom, 1996: 181-216).

Por conseguinte, a atribuição ao P.e Alves Brás de ‘educador social’ tem a ver com os seguintes objectivos que expressa nas suas acções: integrar a dimensão social das criadas domésticas como pessoas (dignificação, personalização) conseguindo delas o amadurecimento social (consciencialização, adaptação, aperfeiçoamento e espírito de compreensão, colaboração e de concórdia e amor); promover as relações humanas entre as cooperadoras de família e entre estas e as famílias carenciadas e as empregadas domésticas; preparar as criadas para pessoal e profissionalmente viverem em comunidade (aprendizagem, formação, competências, acções profissionais qualificadas, formação para a cidadania, acções assistenciais e espirituais, promoção da autonomia, etc.); e gerar vínculo entre o social, o ‘moral’ e espiritual (religioso).

Algumas Ideias (IN) Conclusivas

Nas primeiras décadas do século passado os problemas das empregadas domésticas reflectiam-se em vários aspectos (social, profissional, associativo, moral, educativo, religioso). P.e Alves Brás alertou para os problemas de género e, em especial, daquele colectivo desprotegido da sociedade. Lutou pela falta de legislação orientadora que beneficiasse a previdência social para o desempenho laboral do serviço doméstico. Daí os inquéritos a todos os níveis, com o método de ver, indagar, julgar e agir, penetrando nas realidades sociedade e procurando soluções. Interveio como educador social dando-lhes protecção, orientação e formação para a vida. Ao longo destes anos todas as mulheres que passaram pela Obra adquiriram conhecimentos, desenvolveram a convivência e foram bem sucedidas moral, social e profissionalmente. O seu ideal era que valorizassem o ‘ideal da família’ e esse é um ponto actual do ideário socioeducativo.

A Obra de Santa Zita desde a sua criação exerce uma actividade profunda a favor das empregadas domésticas, no aspecto formativo (cursos de preparação profissional), assistencial (apoio, auxílio material), de promoção social e profissional (direitos) e, ainda no



âmbito espiritual e familiar. Esta instituição conjuntamente com o Instituto Secular de Cooperadoras de Família fizeram despertar a atenção do mercado de trabalho e a sociedade para a dignificação desta profissão (ética das profissões) e as autoridades governamentais do papel social e profissional das empregadas domésticas no seio da família e da sociedade.

Na verdade, os estatutos da Obra, embora remodelados, são essencialmente os mesmos. É óbvio que a sociedade é outra, está em contínua mudança e os seus seres humanos tem as mesmas virtudes, valores e defeitos, mas diferentes problemas que exigem novas soluções. Essas mudanças e situações sociais e profissionais têm reflexo na 'família' e, conseqüentemente, na mulher e na empregada doméstica (ISCF, 1981: 7-9). Assim, ao longo do tempo, a Obra foi abrindo-se a outras pessoas, desde cursos de formação familiar (culinária, corte e costura, economia doméstica, relações humanas, puericultura, geriatria, artes decorativas, etc.) à criação de escolas profissionais de 'Agentes Serviço e Apoio Social' (cursos de nível III). A partir da década de 70 passou a desenvolver outros serviços de apoio à família nas áreas de infância (creches, pré-escolar, actividades de tempos livres), do acolhimento de crianças e jovens em risco, à formação profissional e formação de jovens e à terceira idade (Lares, centros de dia, apoio domiciliário). Por isso, a Obra continua nessa adequação aos novos tempos, lutando pelos direitos e deveres da mulher, pela sua promoção e dignificação.



REFERÊNCIAS

- AIDO, Paulo (1999, 25 de Julho). 'Congresso Internacional da Família. O exemplo de Mons. Alves Brás'. *Voz da Verdade* (Semanário), Ano 66, n.º 3452, p. 3
- CARDOSO, Monsenhor Arnaldo Pinto (1994). *Um apóstolo da família*. Coimbra: Gráfica de Coimbra
- COELHO, Messias Dias (1958). *O Problema das Criadas*. Lisboa: Editorial da O.P.F.C./Gráfica Monumental
- COLOM [Cañellas], A. J. (1996). 'Pedagogía social e Educación social. a propósito del educador de calle'. In: IBÁÑEZ, Ricardo M. & SERRANO, Glória P., *La Pedagogia Social en la universidad (Realidad y prospectiva)*, (pp. 181-216). Madrid: ICE/UNED
- COLOM, A. J. y col. (1992). *Modelos de intervención socioeducativo* (2.ª ed.). Madrid: Narcea
- GRAMIGNA, Anita (2003). *Manuale di pedagogia sociale. Scenari del presente e azione educativa*. Roma: Armando Editore
- INFANTE, C. Franco (1976). *Monsenhor Alves Brás* (2.ª ed.). Lisboa: Editorial I.S.C.F
- INSTITUTO SECULAR DAS COOPERADORAS DA FAMÍLIA (1998). *Padre Alves Brás. O importante é a família* (4.ª ed.). Lisboa: Edições Salesianas
- INSTITUTO SECULAR DAS COOPERADORAS DA FAMÍLIA (2000). *Celebrar uma Vida Projectar uma Obra. 1.º Centenário do Nascimento de Mons. Joaquim Alves Brás (1899-1999)*. Lisboa: Edições Paulinas / ISCF
- INSTITUTO SECULAR DAS COOPERADORAS DA FAMÍLIA (2009). *Casa – Museu. Monsenhor Alves Brás. Casegas*. Lisboa: MediaLand / ISCF
- JOSSO, Marie-Christine (2002). *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa - Formação
- MARTINS, Ernesto C. (2005). 'Joaquim Alves Brás e a formação social das criadas de servir'. In: MARTINS, E.C. (coord.), *V.º Encontro Ibérico de História da Educação – Renovação Pedagógica*, (p. 528-530). Castelo Branco: Alma Azul
- NÓVOA, A. (dir.) (2003). *Dicionário de educadores*. Rio Tinto / Porto: Edições ASA



OBRA DE SANTA ZITA (1969). *1.ª Semana Nacional de Estudos para responsáveis da O.P.F.C.* Lisboa: Editorial da Obra de Santa Zita

OBRA DE SANTA ZITA (1981). *II Semana Nacional de Estudos para responsáveis da Obra de Santa Zita.* Lisboa: Editorial da Obra de Santa Zita

PETRUS, A. (1997). 'Concepto de educación social'. In: PETRUS, A. (coord.), *Pedagogia Social*, (p. 9-30). Barcelona: Ariel Educación

SERIO, Eugénio C. (1999). 'Cantinho Jovem. Evocando Mons. Alves Brás. No seu carisma de fundador'. *Bem-Fazer* (Abril) Ano LXV, n.º 524, pp. 3 e 7.

SERRANO, Glória P. (2004). *Pedagogia social – educación social. Construcción científica e intervención práctica* (2.ª ed.). Madrid: Narcea Ed.

SILVA, Eugénio (2009). *Família Ideal. O sonho do rapaz da boina. A vida e obra de Monsenhor Alves Brás.* Lisboa: Edições Paulinas / ISCF

TRINDADE, D. Manuel de Almeida (1991). *O Padre Joaquim Alves Brás. Uma vida. Uma obra.* Coimbra: Gráfica de Coimbra